

# O SISTEMA DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA ESPECIALIZAÇÃO DAS FORMAS

Talita de Cássia MARINE<sup>1</sup>

■ **RESUMO:** Este artigo apresenta, de forma concisa, um estudo descritivo-comparativo dos pronomes demonstrativos no português do Brasil, tal como ocorriam em determinadas partes de jornais do século XIX e início do século XX, bem como em revistas femininas do século XX (seção de cartas). Tal pesquisa se justifica pelo fato de que, embora a norma padrão da língua portuguesa proponha um sistema ternário para os demonstrativos (*este vs. esse vs. aquele*), o que ocorre no uso é a existência de um sistema binário (*este/esse vs. aquele*), que está passando por um fenômeno de **especialização das formas**. Assim, passa-se a ter: *este vs. aquele* para marcar o uso exofórico, e *esse vs. aquele* para marcar o uso endofórico.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Português brasileiro. Pronomes demonstrativos. Especialização de formas. Morfossintaxe. Variação e mudança lingüísticas.

## Introdução

Algumas pesquisas acerca do sistema pronominal dos demonstrativos já foram realizadas, como as de Câmara Jr. (1970), Castilho (1978, 1993),

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa – Faculdade de Ciências e Letras-UNESP – 14800-901 – Araraquara-SP, Brasil. E-mail: tamarine@ig.com.br.

Pavani (1987), Roncarati (2003) e, todas elas, apontam para um sistema binário, marcado pelo maior uso da forma **esse** no século XX. No entanto, em pesquisa acerca do sistema dos pronomes demonstrativos nos anúncios de jornais do século XIX e início do século XX, constatei predominância da forma **este**.

Assim, se por um lado fica-nos claro que o sistema dos pronomes demonstrativos no português do Brasil (PB) seja binário em seu uso – **este/esse** *vs.* **aquele** –, contrariando o que prevê a norma padrão, já que esta afirma haver um sistema ternário bem marcado baseado nas três pessoas do discurso – **este (eu)** *vs.* **esse (tu/você)** *vs.* **aquele (ele)** –, por outro, parece um tanto quanto obscura a verdadeira oposição das formas que vem marcando este binarismo no PB.

Desse modo, além de identificar a forma vitoriosa entre as variantes de primeira (**este**) e segunda pessoas (**esse**), procuramos verificar quais são os possíveis motivos que levaram à redução do sistema, bem como o fenômeno motivador da forma vitoriosa.

## ***A língua oral escrita e o estudo dos demonstrativos***

Se uma determinada variação é observada em alguma classe de palavras ou estrutura da língua, far-se-á necessário centrar-se, primeiramente, na língua falada, pois, geralmente, as mudanças se iniciam na fala informal de grupos intermediários, ganham aceitação na fala informal dos grupos sociais mais privilegiados, e só assim chegam a situações formais de fala e conseguem ser aceitas pela escrita. Essas inovações – ou variações – comuns na língua falada não são aceitas de imediato pela língua escrita. Isso se dá porque a primeira reação dos falantes às formas inovadoras é negativa; elas são consideradas erradas. Daí o fato de que nem toda variação lingüística acarreta a mudança, mas toda mudança pressupõe uma variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

No entanto, embora seja evidente que o *corpus* a ser utilizado por estudos relativos à variação e à mudança lingüística deva, preferencialmente, abarcar a modalidade falada da língua, a escolha do nosso *corpus* – alguns jornais do século XIX e XX, e revistas femininas do século XX, especificamente *Capricho* e *Grande Hotel* – se justifica pelo

caráter descritivo-comparativo a que tal pesquisa se comprometeu, haja vista que dados colhidos<sup>2</sup> no século XIX<sup>3</sup> foram postos em comparação com dados do século XX. Deste modo, procuramos nos nortear por uma modalidade intermediária entre língua escrita e língua falada, a qual denominamos **língua oral escrita**; ou seja, situações de escrita profundamente marcadas pela informalidade e por marcações discursivas predominantes em contextos de fala, tal como podemos observar no exemplo abaixo:

- (1) Tenho treze anos, já namoro firme... – Morena dos olhos negros. ... Você está naquela idade onde tudo é côr-de-rosa, dos romances de amor,... Já que sua família o estima, que êle quer se casar com você, conserve êsse rapaz ao seu lado e aguarde o tempo que é o melhor conselheiro. ... **Agora uma coisa:** êle tem dezoito anos, quer se casar com você daqui a quatro anos. **Então** êle estará com vinte e dois. Você com dezessete. Espere até essa data e então, **vamos ver** quais são os seus sentimentos em relação a êle e vice-versa ..." (CAPRICHIO, abr.1963).

## Metodologia

Para analisarmos os dados – 962 ocorrências das formas **este/esse**<sup>4</sup> – de nossa pesquisa, utilizamos o programa Varbrul e, como critério de análise, observamos o uso de tais pronomes segundo as funções adjetiva e substantiva, bem como as referências por eles estabelecidas: exofórica e endofórica, sendo a última subdividida em quatro diferentes manifestações anafóricas, as quais denominamos: anáfora com elipse de nome, anáfora do tipo I, anáfora do tipo II e anáfora do tipo III (MARINE, 2004).

<sup>2</sup> Estes dados foram colhidos por mim entre os anos de 1998 a 2001, por meio de pesquisa de Iniciação Científica (MARINE, 2001).

<sup>3</sup> Século este que as pesquisas de Variação e Mudança lingüísticas apontam como um momento de grandes mudanças no português brasileiro (cf. TARALLO, 1993).

<sup>4</sup> As formas preposicionadas de tais pronomes, bem como as respectivas variantes de gênero e número, também foram consideradas.

## Análise dos dados

Quantitativamente, pudemos identificar um fato bastante curioso do ponto de vista lingüístico em nossos dados: a mudança de um sistema binário marcado pelas formas *este vs. aquele* durante todo o século XIX e início do século XX para outro, marcado pelas formas *esse vs. aquele* nas décadas de 1960, 1970 e 1990, tal como podemos observar no gráfico abaixo:

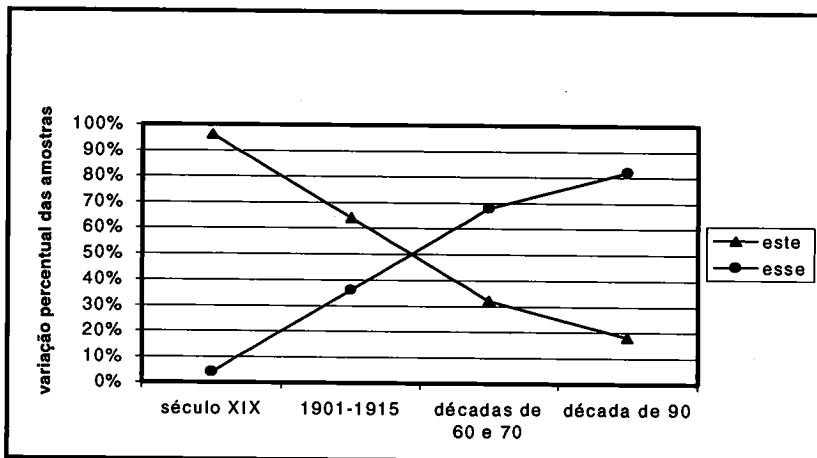


Gráfico 1 – Variação no uso das formas *este* e *esse* entre o século XIX e a década de 1990

Diante disso, resolvemos, por meio de uma análise qualitativa, tentar identificar o motivo (ou os motivos) que pode(m) ter ocasionado tal mudança. Em primeiro lugar, dividimos as ocorrências das formas demonstrativas *este* e *esse* de acordo com a função sintática desempenhada – adjetiva ou substantiva – para cada momento histórico considerado:

Tabela 1 – Ocorrência das formas *este* e *esse* nas funções adjetiva e substantiva (%)

	Séc. XIX		Início do séc. XX		Décadas de 1960 e 1970		Década de 1990	
	este	esse	este	esse	este	esse	este	esse
Função Adjetiva	96	4	63	37	28	72	20	80
Função Substantiva	89	11	83	17	65	35	8	92

Em função substantiva, notamos que a forma mais utilizada – com exceção da década de 1990 – é **este**, embora seja possível identificar que, em pontos percentuais, **esse** foi ganhando espaço no intervalo de tempo considerado: representa 11% dos casos do século XIX e 35% das ocorrências das décadas de 1960 e 1970, chegando inclusive, a representar 92% do número de ocorrências na década de 1990.

Quanto ao caráter referencial dos demonstrativos, ao dividi-los em dois grandes “blocos”, isto é, exofóricos de um lado (referência espaço-temporal) e endofóricos de outro (referência textual), obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 2 – Distribuição das formas **este** e **esse** segundo a função exofórica (%)

Momento histórico	Séc. XIX		Início do séc.XX		Décadas de 1960 e 1970		Década de 1990	
	<b>este</b>	<b>esse</b>	<b>este</b>	<b>esse</b>	<b>este</b>	<b>esse</b>	<b>este</b>	<b>esse</b>
Função exofórica	99	1	94	6	80	20	58,5	41,5

Com essa divisão, parece-nos claro que em função exofórica, ou seja, dêitica, a forma **este** mostra-se mais produtiva que **esse** desde o século XIX até a década de 1990; porém, nesta última década notamos que tal forma perde bastante espaço para sua forma concorrente, pois representa apenas 58,5% das ocorrências. No entanto, é importante observar que o uso dêitico no *corpus* utilizado para a década de 1990 é reforçado, na maioria das ocorrências, por uma imagem (foto ou desenho).

Dessa forma, com a união “pronomes demonstrativos + imagem”, o uso dêitico, entendido acima de tudo como um **mostrador**, torna-se claro independentemente da forma utilizada (**este** ou **esse**) para marcar tal referência. Acreditamos que seja por isso que, diferentemente dos demais períodos de tempo estudados, na década de 1990 haja um certo equilíbrio entre as formas **este** (58,5%) e **esse** (41,5%) no uso exofórico.

Quanto ao fato da forma **este** perseverar por tanto tempo em função exofórica no português do Brasil, pelo menos no *corpus* por nós considerado, acreditamos que isso talvez esteja relacionado com a questão de proximidade e distância no tempo e no espaço que é superiormente mais forte no uso dêitico, já que na dêixis insere-se a noção de localização

e, com a passagem de um sistema ternário bem marcado das três pessoas do discurso – tal como prevê a norma culta da língua portuguesa – para um binário, a noção “perto-longe” passa a ditar as regras de localização. Assim, tende-se à preservação da forma de primeira pessoa (**este**) em oposição à de terceira pessoa (**aquele**), tal como no inglês moderno (*this vs. that*).

Por outro lado, ao analisarmos a função endofórica, identificamos uma mudança marcada pela inversão no uso dos demonstrativos. Observemos a Tabela 3:

Tabela 3 – Distribuição das formas **este** e **esse** segundo a função endofórica (%)

Momento histórico	Séc. XIX		Início do séc. XX		Décadas de 1960 e 1970		Década de 1990	
Variantes	<b>este</b>	<b>esse</b>	<b>este</b>	<b>esse</b>	<b>este</b>	<b>esse</b>	<b>este</b>	<b>esse</b>
Função endofórica	92,5	7,5	44	56	14,5	85,5	9,5	90,5

No século XIX, o pronome **este** responde por 92,5% do uso, porém, na década de 1990, esse percentual cai para cerca de 9,5%; ou seja, a forma **esse** passa a predominar com uma frequência de 90,5%. Acreditamos que, possivelmente, a mudança da predominância das formas **este** e **esse** no decorrer do tempo, na qual verificamos a oposição **este vs. aquele** para o século XIX e início do XX e, **esse vs. aquele** para as décadas de 1960, 1970 e 1990, tenha sido motivada por uma ampliação do conceito de referência endofórica, haja vista termos encontrado em nosso *corpus* diferentes formas de estabelecer a referência anafórica, as quais denominamos:

- a) **anáfora do tipo I**: consiste no uso anafórico comumente observado em diversas gramáticas normativas da língua portuguesa, em que o elemento anafórico, no caso o pronome demonstrativo, aparece junto a um nome anteriormente mencionado;
- b) **anáfora com elipse de nome**<sup>5</sup>: neste caso há uma retomada de um nome já mencionado, por meio, exclusivamente, do pronome, visto que o nome encontra-se elíptico na frase;

<sup>5</sup> Como este tipo de anáfora não mostrou-se produtiva em nosso *corpus*, ela foi desconsiderada de nossa análise.

c) **anáfora do tipo II**: o demonstrativo retoma um nome anteriormente mencionado através de um sinônimo direto ou de um sinônimo contextual.

É importante salientar que concordamos com Guimarães (1995, p.30), quando a autora afirma que

Já está consabida e aceita a tese da inexistência de sinônimos perfeitos, ou seja, passíveis de serem permutados em quaisquer contextos, dada a diversidade de conotações que pode circundar a essência da carga semântica de palavras apontadas como sinônimas.

d) **anáfora do tipo III**: esta anáfora caracteriza-se por, através do demonstrativo, retomar não apenas um nome, mas toda uma idéia ou uma ação. Em alguns casos, ela só pode ser compreendida se houver um conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

Observemos a Tabela 4:

Tabela 4 – Distribuição endofórica das formas **este** e **esse** do séc. XIX a década de 1990

Momento histórico	Século XIX					Início do século XX					Décadas de 1960 e 1970					Década de 1990				
	este		esse		T	este		esse		T	este		esse		T	este		esse		T
	%	N	%	N		%	N	%	N		%	N	%	N		%	N	%	N	
Anáfora do tipo I	92	70	8	6	76	62,5	15	37,5	9	24	31	5	69	11	16	10	2	90	19	21
Anáfora do tipo II	97	70	3	2	72	43,5	10	56,5	13	23	17	4	83	20	24	15	6	85	34	40
Anáfora do tipo III	87	53	13	8	61	25	6	75	18	24	10	7	90	62	69	8	9	92	108	117

Ao observarmos o uso do pronome **este** no século XIX, em todas as manifestações endofóricas consideradas, verificamos que a sua freqüência de uso é consideravelmente maior que a de **esse**. Notamos, também, um equilíbrio no uso do pronome **este**, nas referências por anáfora do tipo I, II e III, visto que o número percentual de ocorrências é semelhante:

– 92% de uso da anáfora do tipo I:

(2) LIVRARIA São BENTO. Está em final liquidação esta livraria; portanto, quem quiser possuir pelo custo bons romances nacionaes e estrangeiros é andar depressa. (A NOTÍCIA, dez.1898).

– 97% da anáfora do tipo II:

(3) ARMAZÉM DO BUGRE. RUA DOS PESCADORES Número 17. Esta casa oferece ao respeitavel publico um completo e variado sortimento de fogos... (GAZETA DE PIRACICABA, jul.1882).

– 87% da anáfora do tipo III:

(4) A PENDULA MERIDIONAL, Relojoaria. Nesta officina sob a direcção de seu proprietario Braz Massari, faz-se com promptidão, solidez e barateza todo e qualquer serviço concernente a esta arte,... (A NOTÍCIA, dez.1898).

Cabe observar que, em comparação com os outros tipos, a anáfora do tipo III é a referência que tem a maior freqüência relativa de **esse**.

Já no início do século XX, é possível perceber que a supremacia da forma **este** em relação a **esse** só ocorre no uso da anáfora do tipo I (15: **este**; 9: **esse**), tal como ilustra o exemplo (5):

(5) O Menor Sebastião, filho de Sebastiana Anacleta do Amaral, antehontem de manhã, divertia-se, no quintal de sua casa na avenida 6 [ilegível] queimar fogos; quando ia accender uma bomba, esta explodiu, ... (O POPULAR, jun.1904).

Por outro lado, nas anáforas do tipo II (10: **este**; 13: **esse**) – exemplo (6) – e III (6: **este**; 18: **esse**) – exemplo (7) – a forma **esse** mostra-se muito mais produtiva:

(6) Estava cansado. Eu abaixo – assignado, declaro que soffri horrivelmente de umas feridas numa perna, que cada dia ficavam mais feias e de um



máu caracter; cansado, porém, de experimentar remédios estrangeiros e nacionais, tive a felicidade de encontrar o sr. Pharmaceutico João da Silva Silveira, proprietario da pharmacia Popular, que aconselhou me para tomar o poderoso Elixir de Nogueira, Salsa, Caroba e Guayaco, e com effeito, fiz uso de algumas garrafas desse preparado e em pouco tempo fiquei radicalmente curado, ... (O ALPHA, jul.1911).

- (7) O abaixo assignado faz publico que não se considera devedor a ninguem de qualquer quantia e mesmo assim tem apparecido diversas contas em seu nome. Por esse motivo previne a esta praça e às demais com que mantem relações que só pagará contas contrahidas por escripto de seu proprio punho... (O POPULAR, jul.1905).

Cabe observar que essa predominância se confirma nas décadas 1960 e 1970, em que temos vinte ocorrências (83%) da forma **esse** para quatro (17%) da forma **este** no uso da anáfora do tipo II (exemplo 8) e, 62 ocorrências (90%) da forma **esse** para sete (10%) da forma **este** no uso da anáfora do tipo III (exemplo 9):

- (8) ... Dentes fixos só seriam por implantação e este tipo de tratamento apresenta uma série de dificuldades sendo, inclusive, motivo de controvérsias entre odontologistas. ... (GRANDE HOTEL, dez.1965).
- (9) Amamo-nos, mas a ex-namorada dêle apareceu fazendo escândalo e dizendo que se êle não fôr dela, não será de mais ninguém... - Indecisa nº 22 do interior. / Há realmente muitas môças assim, que depois de terminado um namôro insistem em renová-lo, com ameaças e escândalos. Ora, se o rapaz não quer, êsse truque não dará resultado. ... (CAPRICH0, ago.1964).

A partir das décadas de 1960 e 1970, o demonstrativo **esse** passa a ser a forma mais utilizada, também no uso da anáfora do tipo I:

- (10) ... se você tiver complexo de inferioridade (principalmente naqueles dias...') você vai ganhar péssima nota. Para estar preparada: comece por esquecer para sempre as toalhinhas laváveis, tão antiquadas. Lembre-se que essas toalhinhas podem demonstrar falta de higiene! (CAPRICH0, jun.1967).

Notamos, inclusive, uma inversão no uso de **este** e **esse** em comparação com o início do século XX (1901-1915), na qual a forma **esse** salta dos 37,5% das ocorrências para 69%.

Quanto aos dados da década de 1990, percebemos que estes comprovam a supremacia no uso de **esse** em todas as manifestações endofóricas por nós consideradas: 90% na anáfora do tipo I (exemplo 11), 85% na do tipo II (exemplo 12) e 92% na anáfora do tipo III (exemplo 13):

- (11) Quero muito viajar para Europa e gostaria de saber como faço para conseguir aquelas carteirinhas que dão descontos em hospedagem, transportes e utilidades culturais, preciso de todas as facilidades para economizar na viagem. Senão não dá? - Vânia de F. Melo, 16./ Realmente sua viagem ficará bem mais econômica se você tiver essas carteirinhas que são fornecidas pela STB... (CAPRICH0, abr.1990).
- (12) Gente, obrigadooouoooo! Emocionante a Capricho de outubro, principalmente a tão esperada matéria com o máximo dos máximos: Tom Cruise. Eu adorei, fiquei encantada, sabem por quê? Porque eu amo ESSE cara! - Cláudia Réder,17. (CAPRICH0, jan.1990).
- (13) Os testes de gravidez comprados nas farmácias são seguros?/ C. B., 16 anos/ Sim, desde que sejam feitos com todo o cuidado... O que não tem nada a ver é tentar seguir mil métodos malucos que se ouve falar por aí para a menstruação descer. Nessas, você maltrata seu organismo e não muda a situação. (CAPRICH0, maio 1995).

Notamos também maior expressividade da anáfora do tipo III em relação às anáforas do tipo I e II desde o início do século XX, principalmente nas décadas de 1960, 1970 e 1990 que, inclusive, é o período em que nosso *corpus* aproxima-se infinitamente mais da língua falada, visto que se constitui basicamente de cartas. Acreditamos-que isso, provavelmente, esteja relacionado ao fato de a referência por este tipo de anáfora ser muito semelhante à referência endofórica da forma invariável dos demonstrativos referente à segunda pessoa gramatical. Como sabemos, o pronome **isso** muitas vezes é utilizado no português do Brasil, seja na língua escrita ou falada, para retomar toda uma ação ou idéia anteriormente mencionada.

Assim, embora não possamos tecer afirmações a respeito das formas invariáveis, visto que não foram consideradas em nosso trabalho, acreditamos na hipótese de que a anáfora do tipo III, em uma espécie de

“uso análogo” ao demonstrativo **isso**, pode estar substituindo esse tipo de referência da forma invariável. Inclusive, percebemos que, em vários exemplos do nosso *corpus*, poderíamos substituir o demonstrativo **esse** pelo **isso** sem alterar o sentido da referência por anáfora do tipo III; contanto, é claro, que se retire o nome posposto ao pronome **esse**, pois, como se sabe, o uso das formas invariáveis dos demonstrativos da língua portuguesa só é possível em função substantiva. Levando-se em conta tais observações, segue abaixo o exemplo (14):

(14) Estou procurando solteira ou viúva rica, para fins matrimoniais. Pode ser de qualquer idade ou côr... - Avelino J. S. / Quer dizer, que você só faz questão do dinheiro da noiva, não é? Não importa que seja branca ou preta, gorda ou magra, baixa ou alta, solteira ou viúva, boa ou má, desde que seja rica! Pois bateu em porta errada, Avelino! Eu não cuido desses casos! [ou *disso*] (CAPRICHO, abr.1963).

Cruzando as funções adjetiva e substantiva dos pronomes **este** e **esse** com as diferentes formas de referência, considerando os três períodos históricos, percebemos que tanto no uso exo-, quanto no uso endofórico, os demonstrativos mostram-se mais produtivos em função adjetiva. Por esta razão, limitamos nossa discussão à função adjetiva.

Ao analisarmos o uso exofórico desses pronomes, obtivemos os seguintes dados:

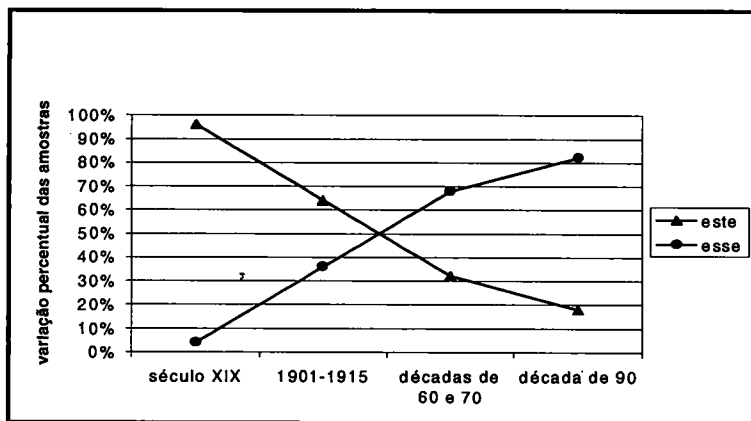


Gráfico 2 – Variação percentual das formas **este** e **esse** no uso dêitico em função adjetiva

Como podemos observar, embora a forma *esse* cresça gradativamente no período que vai do século XIX até a década de 1990, o **demonstrativo *este* sempre predomina no uso exofórico, isto é, dêitico.**

Por outro lado, ao analisarmos o uso endofórico dos demonstrativos em função adjetiva, em cada período estudado, observamos que há uma inversão da forma mais utilizada, que de *este* passa a *esse*. Assim, se compararmos as duas extremidades temporais consideradas em nosso estudo, ou seja, o século XIX e a década de 1990, perceberemos que mais que uma mudança no uso das formas *este* e *esse* na referência endofórica, temos uma inversão de uso entre tais variantes (Gráfico 3):

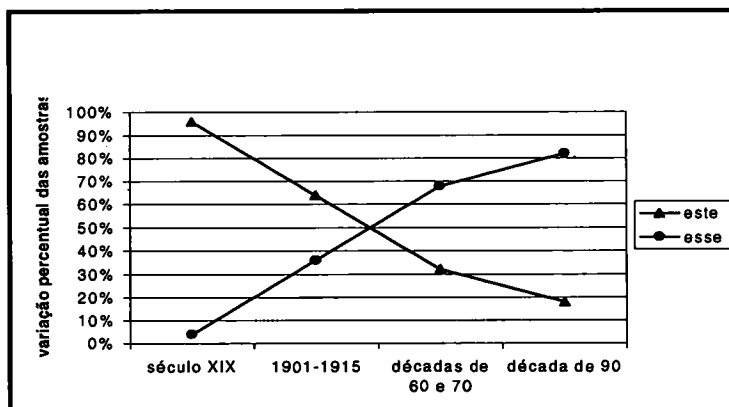


Gráfico 3 – Uso endofórico de este no séc.XIX e na década de 1990

## Conclusão

Todas as considerações apresentadas em nossa análise nos levam a crer na hipótese de que a língua portuguesa do Brasil tende a preservar um sistema binário marcado pelas formas *este vs. aquele* no uso exofórico (dêitico) e *esse vs. aquele* no uso endofórico. Talvez tal fato constitua um dos motivos envolvidos na brusca mudança observada no sistema dos demonstrativos do século XIX para o XX, no qual observamos, em uma análise quantitativa geral, uma mudança das formas responsáveis pela representação do sistema binário dos demonstrativos: *este vs. aquele* (século

XIX) e **esse vs. aquele** (século XX). Do ponto de vista qualitativo, percebemos que, ao mesmo tempo que a forma **este** se consolida no uso dêitico no decorrer dos anos estudados, acaba perdendo espaço no uso anafórico, levando-nos a crer que a língua – ainda se acomodando com o caráter binário dos demonstrativos, verificado desde o latim vulgar – tenha proposto um equilíbrio entre as formas **esse** e **este** num sistema binário já consolidado, dividindo-o da seguinte forma:

Quadro 1 – Sistema dos pronomes demonstrativos no português brasileiro do séc. XX

USO EXOFÓRICO	USO ENDOFÓRICO
<b>este vs. aquele</b>	<b>esse vs. aquele</b>

Assim, com a especialização das formas **este** e **esse**, percebemos que a língua consegue manter “vivas” as três formas demonstrativas (**este/esse/aquele**), porém não mais por meio de um “pseudo” sistema ternário, mas, sim, através de um sistema binário que tem se mostrado produtivo desde “os tempos de César”.

MARINE, T. de C. The demonstrative pronoun system in Brazilian Portuguese: form specialization. *Revista do GEL*, Araraquara, v.2, p.39-53, 2005.

■ **ABSTRACT:** *This paper concisely presents a descriptive and comparative study of the demonstrative pronouns in Brazilian Portuguese collected from both selected newspaper sections of the 19<sup>th</sup> and the early 20<sup>th</sup> centuries and the newsletter section of women’s magazines of the 20<sup>th</sup> century. The analysis is justified because standard usage reveals a twofold demonstrative system (este/esse vs. aquele), which is undergoing form specialization, in opposition to a threefold demonstrative system (este vs. esse vs. aquele) advocated by the standard Brazilian Portuguese normative grammar. In the binary system, the forms este vs. aquele and esse vs. aquele mark the exophoric and endophoric uses, respectively.*

■ **KEYWORDS:** *Brazilian Portuguese. Demonstrative pronouns. Morphosyntax. Form specialization. Linguistic change.*

## Referências

A NOTÍCIA. Araraquara, dez.1898. Seção de anúncios.

CÂMARA JR., J.M. **Estrutura da língua portuguesa**. 2.ed. Petrópolis: Vozes,1970.

CAPRICHIO. São Paulo: Ed. Abril, abr.1963.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Abril, ago.1964.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Abril, jun.1967.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Abril, jan.1990.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Abril, n.4, abr.1990.

CASTILHO, A.T.de. Os mostrativos do português falado. In: \_\_\_\_\_. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, FAPESP, 1993. p.119-145. v.3: As abordagens.

\_\_\_\_\_. Análise preliminar dos demonstrativos na norma culta de São Paulo. In: SEMINÁRIOS DO GEL, 16., 1978, Marília. **Anais...** Marília, 1978. p.30-35.

GAZETA DE PIRACICABA. Piracicaba, jul.1882. Seção de anúncios.

GRANDE HOTEL. São Paulo: Ed. Vecchi, dez.1965.

GUIMARÃES, E. **A articulação do texto**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1995.

MARINE, T.de C. **O binarismo dos pronomes demonstrativos no século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele?** 2004. 138f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

MARINE, T.de C. **Os pronomes demonstrativos nos anúncios de jornais do século XIX**. Relatório PIBIC-CNPq. Araraquara, 2001.

O ALPHA. Rio Claro, jul.1911. Seção livre.

O POPULAR. Araraquara, jun.1904. Seção de notícias.

\_\_\_\_\_. Araraquara, jun.1905. Seção livre.

PAVANI, S. **Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto de São Paulo**. 1987. 90f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

RONCARATI, C. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, M.da C.; DUARTE, M.E.L. (Org.). **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Liv., 2003. p.139-157.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.69-105.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W.P.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p.97-195.